



DACEC - Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação
PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Regional

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/02/2021 a 18/02/2021

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor Titular do PPGDR e DACEC, na UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
12/02/2021	13,72	427,20	46,04	6,36	5,38
15/02/2021	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO	FERIADO
16/02/2021	13,84	428,40	47,27	6,57	5,52
17/02/2021	13,83	431,70	46,77	6,44	5,53
18/02/2021	13,75	425,20	46,91	6,62	5,50
Média	13,78	428,12	46,75	6,50	5,48

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais (compra e venda) no mercado físico brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	
RS – Panambi	154,00	
RS – Não Me Toque	155,00	
RS – Londrina	153,00	
PR – Cascavel	152,00	
MT – C.N.Parecis	146,00	
MS – Maracaju	150,00	
GO - Rio Verde	151,00	
BA – L.E.Magalhães	S/C	
MILHO(**)		
Porto de Santos	74,00	CIF
Porto de Paranaguá	81,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	80,00	
SC – Rio do Sul	79,00	
PR – Cascavel	72,00	
PR – Londrina	73,00	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	72,00	
SP – Itapetininga	82,00	
SP – Campinas	86,00	CIF
GO – Rio Verde	74,00	
GO – Jataí	74,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	77,00	
RS – Não Me Toque	77,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – Cascavel	76,00	

Período: 17/02/2021

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA com base em dados da
Notícias Agrícolas.

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/02/2021

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	79,13	155,63	77,65

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 18/02/2021

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	88,17
Feijão (saco 60 Kg)	283,75
Sorgo (saco 60 Kg)	61,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,30
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,01**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,34

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

(**) Ref. Janeiro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER.

MERCADO DA SOJA

Em Chicago, as cotações da soja, nesta semana, se mantiveram firmes, com o bushel, para o primeiro mês cotado, fechando o dia 18/02 em US\$ 13,75, contra US\$ 13,67 uma semana antes. O mesmo chegou a atingir US\$ 13,84 no dia 16/02. A registrar a nova elevação nas cotações do óleo de soja, puxadas pelos preços do petróleo, as quais chegaram a ultrapassar os 47 centavos de dólar por libra-peso durante a semana.

O mercado esteve atento as questões climáticas na América do Sul e aos resultados do conhecido Fórum Outlook que sempre ocorre nesta época nos EUA, pois o mesmo oferece as primeiras projeções de safra futura naquele país. Neste sentido, a expectativa dos analistas era de que o Fórum indicasse uma área a ser semeada com soja, nos EUA, entre 35,2 e 37,2 milhões de hectares, contra 33,6 milhões semeados na safra anterior. Em isso se confirmando, o mercado poderá assistir a uma pressão baixista sobre as cotações da oleaginosa. Porém, será preciso garantir uma safra cheia para normalizar os baixos estoques existentes naquele país. Qualquer problema climático entre maio e agosto fará as cotações subirem. E haverá muita especulação neste sentido logo adiante. É importante lembrar que um indicativo mais preciso de plantio virá no dia 31/03, quando do anúncio do relatório de intenção de plantio dos produtores estadunidenses.

Por enquanto, além do frio intenso e fortes nevascas, o clima seco nas regiões produtoras dos EUA vem preocupando o mercado. Para a soja, cujo plantio se dá em abril/maio, ainda é cedo, porém, alimenta a especulação. Segundo meteorologistas locais, hoje mais de 60% dos EUA passa por algum tipo de seca, contra 25% no ano passado nesta época.

Por sua vez, o USDA divulgou que na semana encerrada em 11/02 os EUA embarcaram 809.574 toneladas de soja, ficando abaixo das expectativas do mercado. Em todo o ano comercial, iniciado em setembro passado, os estadunidenses exportaram 50,1 milhões de toneladas, ou seja, 77% acima do exportado no mesmo período do ano anterior. A estimativa é que, no encerramento do atual ano comercial 2020/21, em 31 de agosto, o volume exportado alcance 61,2 milhões de toneladas.

Em paralelo, a Associação Nacional de Processadoras de Soja dos EUA, informou que foram esmagadas 5,03 milhões de toneladas do produto em janeiro, naquele país, superando as expectativas do mercado. É o segundo maior volume mensal da história da trituração de soja dos EUA.

E no Brasil, os preços cederam um pouco nesta semana sob pressão da colheita no Centro-Oeste e Norte do país. Isso, mesmo com Chicago firme e o câmbio se mantendo ao redor de R\$ 5,40 por dólar. A redução das chuvas naquelas regiões propiciou uma aceleração da colheita.

A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 155,63/saco, enquanto nas demais praças os preços oscilaram entre R\$ 146,00 e R\$ 155,00/saco, dependendo da região.

A produção brasileira de soja continua estimada entre 130 e 134 milhões de toneladas, porém, há dúvidas quanto a qualidade final do produto, em muitas regiões, devido aos problemas climáticos.

Em termos de colheita, a mesma está atrasada, confirmando a tendência a partir do atraso no plantio da oleaginosa. Com isso, os EUA terão um tempo maior de exportação, especialmente para a China. Isso pode levar os chineses a comprarem menos soja brasileira nos meses futuros, em comparação ao ocorrido em 2020.

Mas os estoques mundiais igualmente se reduziram para este ano. Este fato pode levar muitos compradores a manterem suas aquisições, segurando as cotações da soja em níveis elevados até a nova colheita estadunidense, em setembro/outubro próximos.

Pelo sim ou pelo não, os embarques de soja em janeiro, por parte do Brasil, foram 28 vezes menores do que em igual período do ano anterior, somando apenas 49.500 toneladas, volume insuficiente para encher um navio. Enquanto isso, os EUA inspecionaram 8,9 milhões de toneladas de soja para embarque no mês, maior nível já registrado.

Neste sentido, a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec), confirma que o atraso na colheita brasileira favorece os competidores, especialmente os EUA. Para fevereiro, os embarques brasileiros de soja tendem a ficar em 6 milhões de toneladas, o que seria praticamente 30% a menos do que o inicialmente esperado. Assim, o abastecimento de soja no Brasil apenas se normalizaria em março, fato que está levando muitos importadores a sondarem fornecedores nos EUA e na Argentina, sendo que neste último país a colheita da oleaginosa se inicia apenas em março.

Por outro lado, importadores como a China continuam ampliando sua compras já que a pandemia, mesmo com a vacinação, ainda está longe de ceder. O surgimento de mutações mais agressivas do vírus, inclusive no Brasil, mantém o mercado em alerta. Somente em janeiro, os chineses importaram 5,6 milhões de toneladas de soja dos EUA, volume que se constituiu no maior da história para aquele mês com destino ao país asiático. Neste contexto, os estoques finais estadunidenses, que já estão extremamente baixos, podem encolher ainda mais até setembro, quando se inicia a colheita naquele país.

Assim, é possível que se tenha uma pressão baixista nos preços brasileiros, na medida em que a colheita avançar, porém, na sequência os preços podem subir novamente na esteira deste quadro de baixos estoques estadunidenses e forte demanda chinesa. Obviamente, muito deste comportamento dependerá, igualmente, do câmbio no Brasil, o qual pode ceder um pouco na medida em o Copom, a partir de março, acena com o retorno da elevação do juro básico, a conhecida Selic.

Dito isso, a colheita da soja no Mato Grosso atingia a 22,3% da área semeada até o último dia 12/02. O volume colhido teria chegado a 7,9 milhões de toneladas nesta área, com produtividade média de 57,4 sacos/hectare. A colheita mato-grossense está 36 pontos percentuais atrasada em relação ao ano anterior e 23 pontos abaixo da média histórica para esta época do ano. (cf. Imea)

Já em termos do país todo, segundo a AgRural, a colheita chegou a 9% da área até o dia 11/02, contra 20% na média histórica para este período. A preocupação agora é com o regime de chuvas no Centro-Oeste e Norte, que vem atrasando a colheita. Além disso, como a logística brasileira nestas regiões é ruim, as chuvas estão mantendo centenas de caminhões, carregados com soja, atolados nas estradas que vão aos portos, especialmente no norte do país.

Consequência deste atraso na colheita da oleaginosa, o plantio do milho safrinha nestas regiões igualmente atrasa. Até o dia 11/02 apenas 11% da área prevista estava semeada no Centro-Sul brasileiro, contra 31% na média histórica para esta época.

Por sua vez, a Abiove estima que o Brasil irá exportar 83 milhões de toneladas de soja neste ano de 2021, ficando praticamente no mesmo volume do registrado em 2020. No acumulado de fevereiro o país exportou, até meados do mês, 900.000 toneladas, faltando muito para atingir as 6 milhões esperadas. Em fevereiro do ano passado o Brasil exportou 6,61 milhões de toneladas. Em farelo de soja, a Anec espera que o país exporte 960.060 toneladas, contra 1,25 milhão estimados na semana anterior. Em fevereiro de 2020 o país exportou 1,02 milhão de toneladas de farelo de soja.

Ao mesmo tempo, o Brasil deverá triturar 46,3 milhões de toneladas de soja neste ano, contra 45,5 milhões em 2020. Isto se dá em função da forte produção de carnes, puxada especialmente pelas exportações, em particular para a China, mais uma vez.

Vale ainda destacar que a Abiove revisou para cima a safra de soja de 2020, indicando que o Brasil produziu 128,5 milhões de toneladas. Com isso, os estoques finais para 2021 aumentam para 528.000 toneladas.

Enfim, a Associação apontou que o complexo soja brasileiro (grão, farelo e óleo) tende a render, em 2021, um total de US\$ 44,7 bilhões, contra US\$ 35,2 bilhões em 2020.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente se mantiveram firmes, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira, 18/02, em US\$ 5,50/bushel, contra US\$ 5,41 uma semana antes.

O mercado igualmente esteve na expectativa do que viria ao final do Fórum Outlook, previsto para se encerrar no dia 19/02 (comentaremos com mais detalhes seus resultados na próxima semana). Neste sentido, esperava-se uma área a ser semeada com milho nos EUA entre 37 e 38,7 milhões de hectares, contra 36,75 milhões plantados na safra passada. Em isso se confirmando, tanto a área com soja quanto a de milho irão aumentar neste ano, sendo que o aumento mais expressivo se daria na soja. Se o clima permitir, esta maior área poderá gerar uma produção recorde de milho nos EUA, forçando uma baixa nas cotações no final do corrente ano.

Por outro lado, os embarques de milho, por parte dos EUA, na semana encerrada em 11/02, atingiram a 1,3 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. No acumulado do atual ano comercial, iniciado em setembro/20, os

estadunidenses já embarcaram 22,8 milhões de toneladas do cereal, volume este 84% maior do que o registrado um ano antes.

Enquanto isso, na Argentina, o Ministério da Agricultura local informa que o plantio da atual safra de milho está encerrado, com o vizinho país esperando colher 47 milhões de toneladas do cereal. Um volume abaixo do produzido no ano anterior devido aos problemas climáticos ocorridos nesta fase de plantio, os quais igualmente atingiram fortemente o Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina.

E no Brasil, os preços do milho igualmente se mantêm firmes, com a média gaúcha atingindo a R\$ 79,13/saco nesta semana, enquanto nas demais praças os valores giraram entre R\$ 66,00/saco em Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 82,00/saco em Itapetininga (SP). A registrar que o CIF Campinas atingiu R\$ 86,00/saco. Já na B3 o vencimento março/21 abriu a sessão de quinta-feira valendo R\$ 87,04/saco, enquanto maio ficou em R\$ 85,00, e setembro em R\$ 76,01.

Os negócios com milho no país estiveram lentos nesta semana, atípica devido a paralisações em função do Carnaval. Atualmente muitos vendedores estão afastados do mercado físico, enquanto os compradores resistem em negociar nos atuais preços, esperando que os mesmos baixem diante da entrada do milho de verão, embora esta safra seja menor. Por enquanto, mesmo que os preços tenham cedido um pouco em algumas localidades, as médias de fevereiro estão bem acima do registrado no mesmo mês do ano passado.

Em termos de exportação, a Anec estima que as mesmas atinjam, em fevereiro, a 545.160 toneladas, contra 415.282 toneladas em fevereiro de 2020. Neste contexto, a Secex informou que nos 10 primeiros dias úteis de fevereiro o Brasil exportou 504.940 toneladas de milho. Até este momento o país teria embarcado 48,4% a mais de milho do que o registrado em fevereiro do ano passado. A média diária de exportação chega a 50.490 toneladas, sendo 60,4% menor do que a média de janeiro, porém, 163% maior do que a média diária de fevereiro de 2020. O preço da tonelada exportada recuou no período cerca de 6,25%, ficando agora em US\$ 196,80.

Especificamente no Rio Grande do Sul, segundo a Emater local, o plantio do milho está encerrado, sendo que 39% das lavouras estão colhidas, contra 40% no ano passado e 34% na média histórica. Das lavouras que faltam colher, 12% estão em germinação, 13% em floração, 20% em enchimento de grãos e 16% em maturação. Por enquanto, depois da forte seca na primavera, o clima está correspondendo.

E no Paraná, segundo o Deral, 21% da safra de milho de verão está colhida, estando 52% do que falta em fase de maturação. Neste meados de fevereiro, 68% destas lavouras estavam em boas condições. Quanto a safrinha, ou segunda safra do cereal, o plantio atingia 8% da área esperada, estando 57% em fase de germinação, sendo que 96% destas lavouras se encontram em boas condições.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram fortemente nesta semana, fechando a quinta-feira (18) em US\$ 6,62/bushel, contra US\$ 6,33 uma semana antes. As mesmas foram puxadas pelo frio intenso neste momento nas regiões produtoras estadunidenses, acompanhado de nevascas importantes.

Os embarques de trigo por parte dos EUA, na semana encerrada em 11/02, atingiram a 392.555 toneladas, ficando um pouco acima do limite inferior esperado pelo mercado. Em todo o atual ano comercial, os EUA já exportaram 17,4 milhões de toneladas, ou seja, 2% a menos do que no mesmo período do ano anterior.

Por outro lado, o mercado espera que o Fórum Outlook indique uma área semeada na nova safra entre 17 e 19 milhões de hectares nos EUA, contra 17,93 milhões semeados no último ano.

Já no mercado brasileiro, os preços do trigo se mantêm firmes, mesmo com uma demanda menor neste momento. Isto se dá em função da baixa disponibilidade interna de trigo de qualidade superior, após a frustrada safra passada, mais uma vez. Há estoques de produtos prontos e dificuldades para os moinhos repassarem os custos maiores da matéria-prima. Para a próxima safra, a Conab projeta um aumento de área semeada com trigo ao redor de 2,1% devido aos altos preços do produto no momento. Espera-se, igualmente, uma produção final 3,3% maior do que a realizada em 2020.

Vale destacar que em Estados menos tradicionais na produção do cereal, o plantio tende a ganhar importância. Seria o caso de Goiás. Segundo a Conab, a produção de trigo neste Estado poderá atingir a 241.600 toneladas, um recorde histórico que colocaria Goiás como o quarto produtor nacional de trigo, atrás obviamente do Paraná e Rio Grande do Sul, mas também de São Paulo. Esta produção goiana se daria em função de um aumento de 212% na área semeada, a qual poderá chegar a 72.000 hectares, além das variedades adaptadas ao Cerrado goiano. O plantio se dará em março, especialmente para o trigo sequeiro.

Já em São Paulo, onde se realizará a reunião da Câmara Setorial de Trigo em 03 de março, a produção total da última safra pode ter atingido a pouco mais de 300.000 toneladas segundo o mercado, embora a Conab aponte um volume de 275.000 toneladas. Para 2021 espera-se um aumento desta produção.

E no Rio Grande do Sul está confirmada uma produção de 2 milhões de toneladas do cereal na última safra, após projeções iniciais que indicavam até 3 milhões de toneladas. O clima, como se sabe, frustrou as expectativas e a safra acabou, inclusive, sendo 11,2% menor do que a colhida em 2019. A produtividade média recuou 29,2% no Estado, atingindo apenas a 35 sacos/hectare. Sem falar ainda na perda de qualidade do grão colhido. E isso que a área semeada cresceu para 955.300 hectares, ou seja, 25,5% acima do semeado um ano antes. Segundo a Fecoagro, considerando um preço médio de R\$ 55,00/saco na safra passada, os produtores rurais gaúchos deixaram de ganhar cerca de R\$ 1,0 bilhão com o trigo. Tal realidade de oferta escassa e demanda aquecida, mantém elevados os preços do trigo no Estado. Em função disso, as primeiras projeções privadas de plantio, para 2021, apontam para uma área que possa atingir a um milhão de hectares, ou seja, a maior área de trigo desde 2014.